



Nauro Machado - O cirurgião de Lázaro

Magaly Trindade Gonçalves
Zélia Thomaz de Aquino
Zina C. Bellodi

Foi no Maranhão que nasceu, no dia 2 de agosto de 1935, Nauro Machado. Recebeu diversos prêmios, dentre eles da Academia Brasileira de Letras e da União Brasileira de Escritores; teve várias de suas obras traduzidas para o alemão, francês e inglês.

É um poeta cuja produção está a merecer mais atenção e mais ampla divulgação. Surpreende-nos o número de grandes poemas que saem desta pena. É extensa sua produção, ultrapassando 30 títulos e, ao que consta, o poeta tem um tesouro de obras ainda não impressas.

A grandeza de Nauro Machado faz-se acompanhar de verdadeira humildade. O autor sente-se nitidamente grato ao Professor Alfredo Bosi por tê-lo incluído na sua *História Concisa da Literatura Brasileira*. Assim também é grato a Nelly Novaes Coelho pela publicação de sua *Antologia Poética*.

A humildade que estamos enfatizando nada tem a ver com menos valor do poeta. Com ele ocorre algo que não é comum: o autor saber o que é, mas preservar a modéstia.

A complexidade dos versos de Nauro Machado, às vezes em formas que parecem enovelar-se, tem, por outro lado, a delícia da verdadeira poesia, mesmo quando seu tema é a dor. São versos onde trabalham em íntegros paradoxos às vezes, uma beleza mais calma. Dificilmente, entretanto, o autor abandona o terreno da dor e da solidão, onde a morte, mesmo quando não mencionada, assume um papel essencial. Até ao falar do ponto máximo de natureza - as árvores - não deixa de lado o aspecto nebuloso da realidade. É o que vemos em "O' arvores pegajosas de urzes más" (soneto 974) quando mais esperável seria imaginarmos árvores cheias de vida. Os pássaros que elas recebem não têm rumo nem podem ser calculados como bando. E o poeta desce para um terreno assustador, como seria o volteio das aves em torno de um túmulo. Sua vida se passa entre voar e não ver mais pássaros no caminho. Recolhe sangue e os galhos que lembram a figura de mãos velhas.

Em "Ó natureza má que em mim perdeste" (soneto 970) aparece a figura, a princípio escurecida (nascimento), clareando, ao morrer, o próprio sol. Sua queixa maior é o fato de não ter escolha, porque está sendo conduzido no meio do furor de um mar escuro. Sente que a alma lhe desce, cega, num anzol. É como se o mundo se fosse inflando, enquanto a natureza não para de crescer como se apontasse uma eternidade de

vida. Enquanto isso, o pesadelo (da morte?) como um chicote aumenta sua dor à medida que o poeta desce.

(soneto 910) - "Mil pensamentos pendem-se já iguais" Aqui, mais uma vez, perpassa o sentimento de fim e morte. É como se idéias negativas fossem nele coladas para serem vividas como inúteis lamentos. Até onde vão esses lamentos? Àquilo que nega o real os pensamentos têm a pouquíssima consistência, embora mantenham sua presença, escolhendo gretas de casas. A tristeza e a inutilidade desses pensamentos abrem-se na chuva e o poeta, este, desprovido de tudo "como um pobre no domingo". E nesse momento o pensamento ainda é uma criança. Mesclam-se aqui as usuais visões de fim, de morte, em contraposição à natureza que só faz crescer.

(soneto 807) - "Não mais pertenço a um tempo que já morre" Este é um poema que trabalha repetidamente com a questão do tempo. No presente momento o poeta já está fora de um tempo que está morrendo agora. Vive entre o futuro sem fim e aquilo que o caracterizou sempre no passado como se a palavra lhe faltasse. No presente caminho solitário, outra vez sozinho, mais só do que um animal. O que o aguarda no futuro é um cemitério para quem já sabe para onde vai.

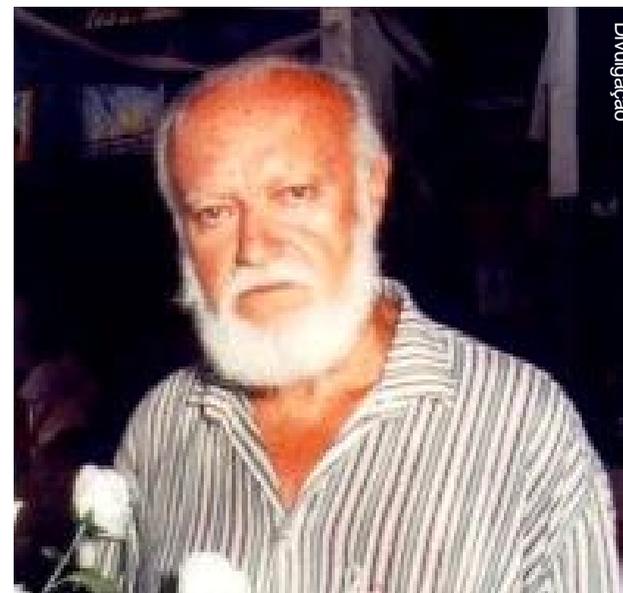
Nota-se na poesia de Nauro Machado uma idéia quase obsessiva de um começo que não existe mais porque já é um fim. Tudo isso ocorre de tal maneira que lhe parece estar a deslizar com o tempo, o tempo que já morre.

Como todo grande poeta Nauro Machado é alguém que ultrapassa seus próprios limites e que convive naturalmente com a idéia da morte, como se tivesse ficado para trás. A este destino constante de caminhar para a morte, permanece, no entanto, a vida, nem que seja a do passado.

Esta é uma poesia forte, angustiada às vezes, densa, complexa, nem sempre clara e de fácil interpretação, uma poesia onde há inúmeros paradoxos não evidentes. No último poema que comentamos, é o primeiro verso que denuncia o drama que é, na verdade, o da existência "Não mais pertenço a um tempo que já morre".

É interessante notar que, para uma mensagem tão rica e complexa, o poeta escolhe exatamente o soneto, aquele em que ou as idéias são arte ou são substitutos desimportantes.

Ricardo Leão confessa seu espanto e seu gozo diante da obra de Nauro Machado. Prevê, para ele, a fama que já tem e a que virá. Talvez o que mais chama a atenção na sua escrita seja a maneira como ele consegue penetrar no processo "de constituição e individuação do ser" (Ricardo Leão, "O Cirurgião do ser") Ricardo Leão lembra que o poeta discute o grande e grave problema da nossa subjetividade, hoje sobrecarregada de



Nauro Machado

banalidades que nos fazem esquecer nosso verdadeiro nível de vivência e isto aparece, de forma trágica, nas publicações que se acumulam sem penetrar um mínimo de reflexão original. É também o que se pode dizer da angústia existencial tantas vezes maltratada, mas no poeta expressa com força e plenitude.

Na poesia de Nauro Machado temos lembranças de Emily Dickinson. Embora tenha escrito poemas longos, é no soneto que mais brilha seu gênio.

O fato que chama a atenção, neste poeta, é um certo descaso pela sua poesia. Seria resultado de uma certa incapacidade de realizar o estudo da obra? Esta é a questão colocada por Ricardo Leão, em entrevista publicada em "Rascunho", maio de 2003. Mas a resposta do poeta não vê qualquer objeção à divulgação se sua poesia. Não se considera um injustiçado. Pelo contrário, louva-se pelo número de leitores, estando ele fechado no espaço nordestino, sem qualquer desejo de explorar sua obra "à sociabilidade literária de grupos ou igrejas", Como disse ao poeta Ricardo Leão. A resposta de Nauro Machado inclui a referência às palavras de Luciana Stegagno Picchio ao lançamento de seu livro, *Nau de Urano*. Disse ela: "Sua poesia é áspera e bela, profunda e dorida. Corroborando Adonias Filho, eu diria: um dos grandes poetas brasileiros de todos os tempos" (apud Entrevista de Nauro Machado, *Rascunho*, maio de 2003).

Importa saber que este é um dos grandes de nossa época e que provavelmente mais cedo ou mais tarde, será amplamente reconhecido. A comparação da poesia de Nauro Machado com Fernando Pessoa é plenamente justificada, ambas atormentadas pelo destino do ser.

Magaly Trindade Gonçalves, Zélia Thomaz de Aquino e Zina C. Bellodi são escritoras, professoras e críticas literárias.

Editorial

Linguagem Viva entrou para o Facebook - <http://www.facebook.com/> - e está cadastrado como Jornal Literário Linguagem Viva. Assinantes, leitores, colaboradores e clientes poderão nos adicionar como amigos.

Também criamos a Comunidade Linguagem Viva no Facebook, que está disponível através do link <http://www.facebook.com/#!/pages/Linguagem-Viva/155410081168923>. Os interessados poderão participar da comunidade e criar tópicos de discussões.

Estamos ampliando a nossa rede de contatos. No Facebook, em menos de um mês, estamos com mais de mil contatos adicionados.

O próximo passo será entrar no Twitter para ampliar a divulgação do jornal na Internet.

Lembramos que as edições do jornal também estão disponíveis, com versões virtuais, através do site www.linguagemviva.com.br. Entretanto não são atualizadas com a mesma frequência da impressa.

Aproveitamos para desejar aos nossos clientes, anunciantes, colaboradores e leitores Boas Festas e um 2011 pleno de realizações, paz, amor, saúde, alegrias e Literatura.

Esperamos que no Natal o livro entre na lista de presentes de todos os brasileiros.



Ipanema

Rodolfo Konder

Havia o mar, uma imensa e insondável nação submersa, povoada de peixes, mitos e lendas. Enormes arraiais flutuavam nas ondas, junto às pedras do Arpoador. Golfinhos gentis e tubarões solitários apareciam de vez em quando, entre cardumes de sardinhas e caravelas. As manhãs eram azuis e as águas, transparentes, para o desespero dos peixes e a alegria dos predadores. Uma tainha se distraía, nadava junto à superfície, brilhava ao sol – e desaparecia no bico de uma ave. “A gaivota determinada mergulha na água verde”, escreveu Paulo Mendes Campos. “Há um tempo para o peixe e um tempo para o pássaro. E dentro e fora do Homem, um Tempo eterno de solidão.”

Havia a praia, que se estendia do Arpoador até a subida da Avenida Niemayer, aos pés do Morro dos Dois Irmãos. A areia branca e fina escondia conchas, tatuís e vestígios de barcos naufragados que nos desafiavam com os mistérios das profundezas e do destino. À tarde, sentávamos nas dunas mais altas e olhávamos a maré, as nuvens e as ilhas do Arquipélago das Cagarras, que nos vigiavam do alto mar, manchadas e imperturbáveis. O sol descia então lentamente, diante do nosso deslumbrado silêncio. O céu parecia um quadro tachista. A noite chegava à praia no ruído discreto das marolas, trazendo para a areia os tristes vestígios cansados do dia.

Havia o bairro, que na verdade começava no Arpoador, crescia, internamente, a partir da Praça General Osório, avançava pela Visconde de Pirajá, chegava até a Lagoa Rodrigo de Freitas e terminava no Bar Vinte, logo depois do Cine Astória, onde o bonde e o vento faziam a curva. Algumas ruas ainda eram de terra. A Nascimento Silva era asfaltada, mas só a partir da Farme de Amoedo. Morei ali, na casa de número 87. Na esquina de Barão da Torre e Farme de Amoedo, “seu” Afrânio tinha um açougue. Do outro lado da rua, ficava a padaria do “seu” Manoel, pai do Paulo “Gordo”. Um quarteirão adiante, na Monte Negro, um botequim onde comíamos queijo e goiabada – “Romeu e Julieta”. Logo em seguida, a escola de capoeira do Sinhozinho e a Praça da Paz, em frente à igreja.

Havia a gente do bairro. Primeiro, os meninos sem sobrenome que moravam em cortiços e brigavam de gilete na mão. Joaquim, o Quim, tinha um quisto supurado na bochecha esquerda, por onde expelia a fumaça do cigarro, se lhe dessem 500 réis. Depois, chegaram os amigos de classe média – Renato Cláudio Alves Ribeiro, Paulo Saboya, Carlos Roberto Estrella, Heitor Simões de Oliveira, Luis Fernando Pinto da Veiga. Passávamos os fins de semana na praia e jogávamos sinuca no Bar do Zé, no Posto 6, em Copacabana. Vieram também as meninas, as namoradas, as primeiras paixões – Aida, Lucy, Wilma. Bebíamos todos no Veloso, no Lagoa e no Jangadeiros. Frequentávamos os cinemas Ipanema, Pirajá e Astória.

Renato Cláudio era o mais corajoso do grupo. Na noite em que o Saboya mexeu com a mulher de um halterofilista, ele foi o único a enfrentar os amigos do ofendido, que voltaram em sua companhia até o Bar Gardênia, onde Renato e Saboya bebiam cerveja com Satamini e João de Deus. Saboya fugiu de táxi, Satamini se escondeu na cozinha do restaurante e João de Deus correu para o Cine Ipanema, em frente à Praça General Osório. Renato, ao contrário, avançou sobre os inimigos – e apanhou a noite inteira.

Estrella era ousado. Certa manhã, nadou quilômetros, com Carlos Manhães, numa prancha, até as Ilhas Cagarras. Na volta à Praia de Ipanema, tiveram de se orientar pelas luzes, porque a noite caiu sobre eles ainda em pleno mar. Quase morreram. Meses depois, Manhães tentou repetir a façanha, com o irmão do Saboya, João Carlos. Ambos desapareceram no mar.

Hoje com mais de cem anos, Ipanema possui memórias miúdas e fantasmas ilustres, como Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Vinícius de Moraes, Tom Jobim. Leandro Konder mudou-se para o Leblon. Ivan Junqueira também já não mora mais ali. Mas a arborizada Ipanema ainda desafia o tempo, deslumbrantemente nua e discretamente orgulhosa, como era nos anos 40, quando a descobrimos e nos apaixonamos por ela.

Rodolfo Konder é jornalista, diretor da ABI em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 54,00

Assinatura Semestral: R\$ 27,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

POÉTICA DO DESPOJAMENTO (I)

Fábio Lucas

Por volta de 1936 saía *Estrela da Manhã* de Manuel Bandeira, em edição de cinquenta exemplares, com o poema irônico “Rondó de Cavalinhos”, do qual consta o verso: “Nossa! A poesia morrendo...”

Tratava-se de reação, entre muitas, aos vazios do decadentismo repetitivo, na cola do Simbolismo, e aos rompantes retóricos, discursivos, dos Modernistas, embriagados pela facilidade do verso livre.

A reação neoclássica da geração de 45 produziu uns poucos poetas de verdade, enquanto a maioria deixava um saibo de lirismo requentado. A essa geração, em escala de agrupamentos, seguiram-se as vanguardas, com mais ruído do que primor. Trouxeram justa bandeira contra o excesso romântico de afagos ao “eu-poético”, e contra o tom oratório, especialmente audível nas composições de cunho político.

No Brasil dos últimos tempos tem dominado a mornidão da poesia que se apresenta ao público como tal. De um lado, certo elitismo de expressão arredondada, timidamente devocional ou sentimentalista; de outro lado, no embalo da música popular, floresceu a gagueira improvisadora, de desvalida indigência mental.

Custou a despontar, como se tem notado, o curso da poesia que não se desdoura de rara, escassa e bem cuidada. Dá-se, portanto, a recuperação da compostura no uso da linguagem, sem o choque das experiências ousadas que tentaram energizar a Literatura no passado recente. O poema nasce agora como uma totalidade intensiva: *A chave do mar* de Fernando Moreira Salles (S. Paulo: Companhia das Letras, 2010) e *Sete Suítes* de Antonio Fernando De Franceschi (S. Paulo: Companhia das Letras, 2010).

Tomemos *Em trânsito* (S. Paulo: Companhia das Letras, 2010) de Alberto Martins. O primeiro aspecto a chamar a atenção do leitor é a dimensão urbana dos temas e das motivações das unidades fônicas. Uma pulsão psicológica de formar imagens e metáforas a partir de reminiscências de espaços citadinos. Não mais a nostalgia do *locus amoenus*, tão próprio do Classicismo renascentista. A Fonoestilística haveria de extrair bons resultados no estudo dos poemas de Alberto Martins.

Curiosamente, o título da coletânea de poemas, *Em trânsito*, evoca a figura do *flâneur* do tempo de Charles Baudelaire, o primeiro grande poeta a reivindicar a beleza estética das “flores do mal”, isto é, dos objetos, sentimentos e relações à margem do esta-

belecido e do processo industrial massificador. Beleza misteriosa e abstrata, captada nos intervalos luminosos da existência. O banal da grande cidade se torna fonte inspiradora dos momentos de hipostasia, quando o belo se apresenta à alma desarmada. Trata-se de extrair o eterno do efêmero através da construção poemática. A herança, por mais abominável que seja, pode transmitir, na revisita, vapores evocativos e nostálgicos, diante da tragédia da perda e do absurdo da vida em face da consciência da morte. Nostalgia regeneradora.

A arte, nesse plano, contrapõe-se à verdade e à exatidão, desliga-se de conceitos racionais. No caso de Alberto Martins, registre-se o olhar de apreensão do real que capta a crosta frágil da civilização, o olhar-estranhamento, não convencional.

No uso da paisagem urbana, dá para “ver” o que contêm poemas como “Transeunte” (p. 14), “Passantes” (p. 15) e “Outro transeunte” (p. 16). Tudo na parte “A caminho do trabalho” de *Em trânsito*. A simples cláusula “a caminho do trabalho” desarma a despreocupação do *flâneur*. A cidade de São Paulo, no século XX, oferece espaços diferentes de Paris no século XIX. Do poema “Outro transeunte” destacamos:

“- um homem com seu cão -
o que permanece dele em mim
que atravesso a rua
para comprar o pão?”

Vê-se que o poeta, ao focar uma cena urbana, a recolhe para formar o real da mente, “o que permanece”. Em outro ponto, permanece a inquirição do real no poema “Flagrantes na praça da República”: “A memória é um filme/ alguém está dublando/ a realidade”. A seguir, das páginas 19 a 22, o autor traceja um quadro cubo-expressionista a fim de reter o interior da moradia, o apartamento.

Depois, o olhar se volta ao “Vira-lata na madrugada” e converte-se, ao final do primeiro poema, numa questão para o espírito: “rente à pele/ atrás/ do tímpano// alguma/ coisa estala// alguma coisa/ está lá/ mas não diz nada.” São nove versos mínimos, em tercetos, que falam inclusive, na “... lasca/ de um som/ que o cão produz// com/ sua língua/ sua pata// som/ virado do avesso/ lixo fora da lata”. (ob. cit., p. 27).



Manuel Bandeira

Nota-se certa ultra-percepção depois da voz do cão.

Juntam-se palavras motivadas, sons e sentidos, poemas numerados, para designar o destino do cão perseguido na solidão: “é o eco/ do cão - o osso/ do osso”.

No poema “Xadrez no centro” (ob. cit., p. 33), temos “a moça”, “pisando o mosaico torto”, enfim, a existir no centro da cidade. A conclusão do poema aponta para o risco de existir:

“ela sabe
que cada passo é um erro cada passo
é um logro - mas quem não joga
perde a vez e nunca mais
volta pro jogo”. O jogo do xadrez, digamos.

No “Poema sem nome” o poeta diz de sua busca do inefável, situação metafísica, lugar impreciso em que repousa a essência das palavras.

O regime de trocas, “a caminho do trabalho”, dá espaço para a reflexão sobre o social. Tal é o “Discurso da demissão voluntária”, de que reproduzimos o trecho final do segundo tópico:

“em cada esquina
oferecem-me pechinchas
por minhas horas de cérebro e trabalho
no fundo é uma luta perdida
a única que presta
pra tocar a vida”.

À segunda parte da obra, Alberto Martins denominou “Inscrições”. O eu-poético, então, se vê envolvido em viagens. Curiosamente, abre-se ao leitor a visão de esferas arcaicas, a serem contempladas no segmento das perdas. Ou da recuperação nostálgica, do velho e do cotidiano. Exemplo: o “balcão de fórmica da padaria” (ob. cit., p. 60).

Por último, Alberto Martins denominou “Em trânsito” a terceira parte da coletânea de poemas, o mesmo título da obra. Volta à cena o eu-poético. Tom geral de bonomia, da ironia mansa, nada raivosa. Como está em “Observações à mesa de trabalho”, segundo segmento: “hoje preciso de coisas simples: // um prego/ um martelo/ uma tábua”. (ob. cit., p. 100).

Logo a seguir, o poeta nos dá em “Povo errante” (ob. cit., p. 101) um jogo irônico, divertido, de contrastes da história da civilização. Para terminar este breve comentário, mencione-se o poema “Inovação do sono” (ob. cit., p. 89) inspirada composição do poeta a gravar nas palavras o drama joco-sério da insônia.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

Débora Novaes de Castro



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES
- SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -
100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO
AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO -
SINFONIA DO INFINITO -
COLETÂNEA PRIMAVERA -
AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais:
UM VASO NOVO...



Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Venedikt Erofeev, um bebum genial

Luís Avelima

Eu morava em Moscou e trabalhava na Rádio Central, onde fazia locução de programas para os países de língua portuguesa. 1990 era um ano complicado na vida soviética, um revirar constante de situações, notícias escabrosas vindo à luz, homossexuais saindo dos guetos, ciganos surgindo dos porões, agenciadores de prostitutas antenados às portas dos hotéis e estações ferroviárias. E enquanto alguns autores também vinham à luz, com seus livros reeditados ou editados pela primeira vez, algumas vozes se calavam. Naquele ano morria um escritor marginalizado, esquecido propositalmente, de uma força descomunal e que, a exemplo do cantor Vladimir Visotski, sua obra era escondida nas gavetas de muitos dos poderosos do Kremlin. Não podiam admitir, mas muitos desses o admiravam. Eu precisava noticiar seu desaparecimento. Não pude.

Quem é esse escritor marginalizado e perseguido pelo sistema soviético? Certamente aqui no Brasil ninguém, ou quase ninguém sabe de sua existência.

Venedikt Erofeev (24 Outubro 1938) era uma personalidade lendária. Em 1970 editou em dois exemplares datilografados sua novela *Moscou-Petuchki*, que em poucas semanas circulou por toda Moscou, varou regiões indevassáveis, penetrou fronteiras a fora.

Dele falava-se constantemente, mas pouco o conheciam realmente, mesmo porque ele sequer gostava de qualquer popularidade, principalmente de paparicos. E como vivia? Como conseguia tempo para escrever? Trabalhava permanentemente. Nas obras em que trabalhava, quando escrevia, deitado no beliche de um vagão quem servia de moradia para construtores civis, chegavam perto dele e perguntavam: “O que escreves? Por acaso queres entrar para a Academia? Seja como for, bem sabes que não conseguirás. Melhor encher a cara de vodca, aqui conosco.”

Filho de “inimigo do povo”, nascido na região de Murmansk, depois do curso secundário mudou-se para Moscou onde tentou uma vaga na Universidade. Conseguiu-a, mas um ano e meio depois era excluído por não frequentar as aulas de “Preparação Militar”. A partir daí (1957), trabalhou nas mais diferentes funções: carregador numa loja de produtos alimentícios, ajudante de obras na construção

civil, guarda, sondador-perfurador geológico, bibliotecário, e vai por aí. Mas o único trabalho que realmente agradou-lhe foi o de ajudante numa expedição parasitológica, na estepe Golodnaia (estepe da Fome), no Uzbequistão, e o de ajudante de laboratório de pesquisa científica para a luta contra insetos voadores e sanguessugas, no Tadjiquistão.

Começou a escrever a partir dos cinco anos. Sua primeira obra digna de nota são os *Escritos de um psicopata*, iniciados aos 17 anos. É a mais volumosa e absurda dentre tudo o que escreveu. Em 1962 *Boa Nova*, obra que alguns “especialistas” consideraram uma “confusa tentativa de criar um Evangelho do Existencialismo Russo”, tal como Nietzsche, “virado do avesso”. Escreveu vários artigos sobre os noruegueses Hamsun e Byerson, assim como acerca dos dramas da última fase de Avicena. Todos eles foram recusados pelos editores porque eram “metodologicamente horripilantes”.

Nos últimos anos, tudo o que escrevia ia se acumulando em dezenas de cadernos e grossos manuscritos. Sua doença (câncer na garganta), revelada em 1985, adiou indefinidamente a concretização de seus planos.

Foi submetido a duas complicadas cirurgias, recebia uma mísera pensão por invalidez. Até os 50 anos, nem em sonhos poderia pensar em seu reconhecimento como escritor. Reclamava que rebaixaram seu grau de invalidez. Dos 50 rublos que recebia, passou a receber 26. No atestado escreveram que “assim e assado”, “pode ter por ocupação uma atividade de escriturário ou conforme os seus hábitos profissionais”. Mas ele acabava se conformando: “Pagam-me exatamente tanto quanto minha Pátria considera necessário.”

Seu aparecimento diante dos guardiões das regras éticas da escrita, por certo deixou alguns chocados pelos “mimos” de sua linguagem. Não reclamava, apenas dizia que os maiores adversários de suas expressões, tanto na imprensa como na literatura, eram exatamente os que mais as utilizavam em suas reuniões e plenárias. Tinha idéias para tudo. Dissertava sobre a embriaguez, sobre o sexo, sobre os poderes, sobre as mulheres. Em seu *Moscou-Petuchki*, único livro editado, fala das mulheres:

“Eu era contraditório. Por um lado gostava que elas tivessem aquela cintura, já que nós não temos cintura nenhuma. Isso provocava em mim... como dizer? Volúpia? Sim, desperta-

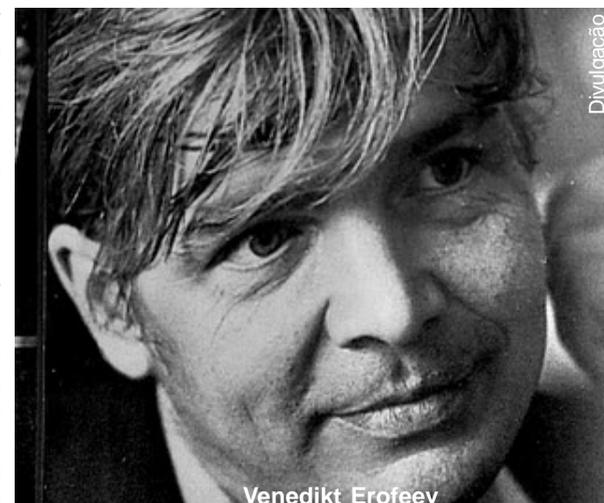
va em mim volúpia. Mas por outro lado, elas retalharam Marat a navalhadas. Ora, Marat era incorruptível e não deveria ter sido retalhado! Só por isto já matava toda a volúpia. Por um lado, como Karl Marx, eu gostava da fraqueza delas, isto é, elas são obrigadas a mijar de cócoras, e isso agradava-me, enchia-me... bem, de quê? De volúpia? Sim, algo assim. Mas por outro lado, foram elas que dispararam contra Ilitch! Isto matava novamente a volúpia: podem ficar de cócoras, mas para que disparar contra Ilitch? Seria ridículo falar de volúpia depois disto.”

Em 1973, *Moscou-Petuchki* foi editado em Israel, quatro anos depois na França, RFA, Estados Unidos, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Polônia, Iugoslávia. Em todos os países obteve sucesso, mas em Moscou ainda passava despercebido “oficialmente”.

Perguntado se se considerava um dissidente, respondia que não, que nunca tivera nada a ver com a história. Sempre viveu à margem da dissidência. A antimusicalidade dos dissidentes afastava-o, suas vozes não criavam harmonia.

Venedikt morreu. E quase não se noticiou. Quando propus, na Rádio Central, dizer uma notinha rápida sobre Erofeev, Pugachov, o editor, alertou-me. Não era salutar, não devia atizar um fogo em vias de se apagar.

“E se eu morrer um dia – e morrerei brevemente — sei que morro sem ter aceitado este mundo,. Tê-lo-ei aprendido de perto e de longe, por fora e por dentro, mas morro sem o ter aceitado. Morrerei e Ele perguntar-me-á: “Gostaste de viver por lá? Foi bom ou o quê?”. Eu ficarei em silêncio, de olhos baixos. Essa mudez



Venedikt Erofeev

Divulgação

é conhecida por todos os que sabem o que acontece quando se sai de uma bebedeira duradoura e pesada. Não é a vida de um homem uma momentânea bebedeira da alma? Todos nós vivemos como que embriagados, só que cada a seu modo: uns bebem muito, outros bebem menos. E o efeito é diferente em cada um: um ri-se nas barbas deste mundo, outro chora ao peito do mundo. Uns já vomitaram e sentem-se melhor, mas outros só agora começam a ter vômitos. E eu, o que sou? Já provei muitas coisas mas nenhuma deu resultado, nem sequer me ri pra valer uma única vez, nem sequer vomitei uma única vez. Eu, que experimentei tanto neste mundo, tanto que já perdi a conta e a sequência, estou mais sóbrio do que ninguém; só que já não me faz nenhum efeito... “Porque estás mudo? – pergunta-me Deus, envolto em relâmpagos azulados. O que responder? Continuarei assim, calado, calado...”

Espero que lá no alto Venedikt Erofeev tenha resolvido falar, para alegria de anjos e santos.

Luís Avelima é cantor, compositor, poeta, jornalista, tradutor, historiador e diretor da União Brasileira de Escritores.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

OS PINTORES

Paulo Bomfim

O primeiro pintor que conheci pessoalmente foi Pedro Alexandrino. Morava na Rua Major Sertório, quase esquina com a Rego Freitas. Foi quando jogávamos futebol na porta de sua casa e ele empunhando uma garrucha velha pôs o time para correr.

Já sua aluna Tarsila do Amaral, fiquei conhecendo em casa de Lalaide e Juvenal Godoy. Lalaide, filha de D. Alzira, que foi a mais famosa médium da época, era prima da pintora.

Nessa tarde D. Lídia, a mãe de Tarsila, tocou ao piano alguns noturnos de Chopin, e músicas de Zequinha de Abreu e Ernesto Nazaré.

Em pé, a seu lado, o marido José Estanislau do Amaral, ia virando as páginas das partituras. Era um casal de velhos bonitos e comunicativos, perfeitos representantes da velha aristocracia paulista. Presentes também a essa reunião Sylvinha e Rivadávia de Barros, filho do Major Diogo, herói da Guerra do Paraguai, e fundador da primeira fábrica de tecidos em São Paulo. No local, o nome "Beco da Fábrica" na Rua Florêncio de Abreu, recorda essa indústria pioneira.

Da reunião em casa de Lalaide, nasce a amizade com Tarsila que ilustra em 1947, meu primeiro livro o "Antonio Triste". Sua filha Dulce, loira, linda e inteligente, sorrindo atrás da fumaça de uma longa piteira, é outra lembrança que me acena.

No dia seguinte de nosso encontro, Tarsila envia-me as "Obras Completas" de Cruz e Souza, um de seus poetas preferidos.

Correia Júnior, na década de vinte, apaixonou-se por Tarsila, e segue sua musa até Paris. O encontro dos dois resulta no livro "Dona do Meu Silêncio".

Quando Tarsila adoeceu, Correia Júnior, no escritório de Fernandes Soares, pede-me para ligar para ela. Coloque os dois na linha e me retiro, deixando o poeta com a pintora, de olhos marejados.

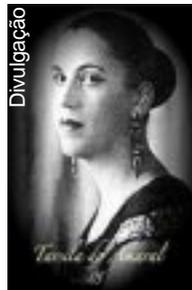
Quem me apresentou Annita Malfatti foi minha mãe que era sua aluna. Lembro bem das aulas e das colegas de mamãe, Carolina Silva Gordo e Sofia Tassinari, e da figura meiga de D. Beth, progenitora de Annita, pertencente a uma família de educadores de Campinas. As festas juninas na casa da Rua Ceará, eram alegradas pela presença de sobrinhas e amigas de Annita. Na véspera, todos nós principiávamos a preparar a decoração do ambiente. Annita e Evangelina Pereira de Sousa, que fora casada com Rubem Borba de Moraes, iam pintando bandeirinhas com temas caboclos que eu retratava em versos. No dia seguinte, o quintal se iluminava com a fogueira e com o quentão que espantava o frio de junho.

É dessa época, 1945, meu retrato feito por essa pintora tão generosa com minha juventude. Graças a ela fiquei conhecendo Manuel Bandeira e Ribeiro Couto.

Depois, vim a conviver com Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, Reboló Gonzales, Bonadei, Balloni, Quirino da Silva, Flávio de Carvalho e tantos outros que frequentaram nosso apartamento na Avenida Ipiranga e o Clubinho dos Artistas onde nos reuníamos todas as noites, muitos deles expondo depois em nossa Galeria Atrium.

Todos participando deste painel de evocações onde a saudade retrata aqueles que partiram para ficar.

Paulo Bomfim é membro da Academia Paulista de Letras.



Divulgação

TEMPO NUBLADO

Caio Porfírio Carneiro

Tempo nublado. Nuvens além, paradas, escuras, silenciosas. Poucos carros na avenida, em velocidade chiante.

Duas-três badaladas domingueiras na igreja próxima.

Vejo que ele se aproxima da janela. Entre o gradil estende-me a mão, à espera de uma esmola. Nego-lhe com o meu silêncio, bem sentado na cadeira que, ao embalo do pé, ringe e range. Ele se vai e vem o arrependimento. Podia ter lhe dado uma moeda.

Levanto-me. Vou à janela. Vasculho e ele, trôpego, dobra a esquina. Volto, sento-me, descubro, surpreso, de que a mão estendida foi o gesto mais próximo entre nós dois nesta vida. Um traço de união elíptico dentro da humanidade.

Inquieto-me. Levanto-me. Observo, apenas observo, os carros chiantes na avenida. Concentro-me na moça bonita que vejo daqui. Vem de algum lugar e caminha para outro. E nunca mais a verei. Debruço-me na janela:

- Ei moça! Espere!

Ela pára, olha em várias direções.

- Espere um pouco!

Abro a porta, atravesso a avenida aos tropeços, entre buzinas aflitas

e chiados. Alcanço-a meio sem fôlego.

- Pronto. Cheguei.

Encarou-me intrigada:

- O que você quer?

- Um beijo.

- O quê?

- Só isto.

Beijo-a rápido na boca, sinto-lhe o perfume e observo-lhe os olhos perplexos.

Retorno quase voando. Ouço-a gritar.

Entro e tranco-me. Sento-me, embalo-me, suspiro fundo. Para além dos zunidos dos carros. Silêncio lá fora. E mais uma badalada domingueira.

Levanto-me. Olho através das persianas. Ela caminha, leve e faceira, lá, apressada.

A mão trêmula volta e me estende entre o gradil para a esmola. Dispenso-a, num gesto de indiferença e quase contrariedade.

O traço de união que vai lá, tão longe, foi bem mais compensador.

Sento-me, o pé empurra-me para o embalo, que coincide com trovões lá fora, neste tempo nublado.

Sinto-lhe ainda o perfume.

Assovio a velha canção.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

1- Escolha a opção correta:

a. Um milhão de pessoas já chegou ou chegaram?

Resp.: Chegou – chegaram.

O verbo pode ficar no singular ou plural.

b. Deu ou deram dez horas?

Resp.: Deram.

O verbo deverá concordar com o número de horas, portanto é deram.

c. Estava zero grau ou graus?

Resp.: Grau.

Concorda no singular.

2- Abaixo ou a baixo?

Resp.: Abaixo – embaixo, sob.

Sua classificação foi abaixo da média. a baixo – para baixo, até embaixo.

Eles puseram a casa a baixo.

3 - Vou comer um côco ou coco?

Resp.: Coco, pois não acentuamos paroxítona terminada em o.

4 – Aluga-se ou alugam-se apartamentos?

O certo é alugam-se apartamentos.

Neste caso concorda com o sujeito apartamentos. É o mesmo que eu dissesse que apartamentos são alugados.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infante-Juvenil pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br



Edição impressa
on line

(11) 2693-0392 - 7358-6255

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Notícias de Piracicaba

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, presta homenagem a Gilberto Gil, Benedita (Bêne) Giangrossi - palhaça Xoanet e Livia Foltan Spada - palhaça Xarlet.

A última apresentação do ano, que conta com a participação do Conjunto Musical do Sarau Literário Piracicabano e do Conjunto Vocal Receita Caseira, acontece dia 14 de dezembro, terça-feira, às 19h30, no Teatro Municipal Dr. Losso Netto - sala 2, em Piracicaba.

A **Academia Piracicabana de Letras**, presidida por Maria Helena Corazza, lançou a edição nº 2 da Revista da Academia Piracicabana de Letras no dia 2 de dezembro, na sede da Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa.

academiapiracicabanadeletras@gmail.com



Ana Marly

Divulgação

A **Tertúlia Literária Periódica** do Movimento Médico Paulista do Cafezinho Literário em Piracicaba, fundado e coordenado por William Moffitt Harris, será realizado no dia 18 de dezembro, às 14 horas, na Associação Paulista de Medicina, Avenida Centenário, 546 – S. Dimas.

Endereços Virtuais de Piracicaba:

<http://golp-piracicaba.blogspot.com/>
<http://bloquinho-infantil.blogspot.com/>
<http://centroliterariopiracicaba-clip.blogspot.com>
<http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com>
<http://academiapiracicabana.blogspot.com>
<http://poeta-linovitti.blogspot.com/>
www.linguagemviva.com.br
www.tribunatp.com.br
<http://www.semec.piracicaba.sp.gov.br>
www.ihgp.org.br
www.bibliotecadepiracicaba.wordpress.com
www.aprovincia.com
www.piracicaba.sp.gov.br
<http://www.sppapira.org.br/>
www.vegetarianismo.com.br

Natais...

Débora Novaes de Castro

Natal das compras,
das feiras infundáveis,
dos pingos de luzes pipocantes
revestindo tudo...

das trombetas dos anjos,
da púrpura dos magos,
da meiguice dos presépios,
sinos, estrelas, festões...

dos trenós com as renas,
do velhinho de vermelho,
da neve do faz-de-conta
salpicada no pinheiro.

Natal dos natais,
Natal da manjedoura,
que inexistirá se faltar o nosso
ouro, incenso e mirra.

Débora Novaes de Castro é Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes. Tese: O HAICAI NO BRASIL: Comunicação & Cultura, Puc-SP, 2004. www.haicai.com.br



PIRACICABA
Prefeitura do Município

Informativo do Município de Piracicaba

PREFEITURA

Principais eventos de 01 a 30/dezembro

Data Programação

- 01 - Conclusão da construção da Casa do Acolhimento – Nova América
- Início da revitalização parcial da Praça Bom Jesus – Bairro Alto
- 02 - Conclusão da construção do Centro de Lazer da Rua José Bischof – Morumbi
- 03 - Conclusão reforma do alambrado da campo de futebol do Pq. 1.º de Maio
- Início da construção do Centro de Lazer Rua Carlos Sack – Pq Orlanda 1
- 04 - Conclusão da rotatória da Av. do Marins c/ Angelino Stela – Jupia
- Abertura da 7.ª Conferência Municipal de Saúde – Engenho Central
- 05 - 9.ª Corrida Pedestre "São Nicolau" - Largada – Rua do Porto
- Abertura do II Festival Aberto de Natalção
- 06 - Início da revitalização do Centro de Lazer Av. Roma – Pq. Orlanda
- Licitação da revitalização da área verde da Rua Benedito G. Teixeira – Jd. Virginia
- 07 - Entrega da cobertura da quadra da Escola Estadual "José Romão" - V. Rezende
- Licitação da construção do Centro de Lazer da Rua Garça – Jd. Itapuã
- Conclusão da iluminação da área verde da Rua Ernest Mahle – Nova Piracicaba
- 08 - Abertura do "Presépio" na Estação da Paulista
- 09 - Inauguração do Centro Social e Varejão Primavera/Fátima
- Inauguração da Praça na Av. Albert Volet Sachs – Nova América
- Licitação de melhoria viária na avenida 1.º de Agosto c/ Av. Limeira – V. Rezende
- Abertura do Festival de Ginástica Rítmica - Ginásio Municipal
- 10 - Licitação da reforma parcial da creche João do Nascimento - Sta. Teresinha
- Licitação da reforma parcial da creche Prof. Maria C. P. Mendes - Jaraguá
- Licitação da reforma parcial da creche Deolinda E. Cenedese - Artemis
- Licitação da reforma da Praça Álvaro de Oliveira Diniz
- Baile do Mês – Estação Idoso
- Licitação da revitalização da Pça. Bruna Ferreira da Silva – Av. Rio das Pedras
- 11 - Conclusão da construção do Centro Social do Jaraguá
- 12 - Lazer no Parque Regional da Paulista
- Denominação de "Braz Rosilho" o Pq. Regional de Lazer da Paulista
- Abertura da 4.ª Copa de Supino – Local: Clube Cristóvão Colombo
- 13 - Início da construção da Escola Municipal Fundamental do Jaraguá
- Assinatura do contrato para instalação do Aquário Municipal – Pq. do Mirante
- Espetáculo de dança "O ferreiro e a morte" - Cia. Estável de Teatro / CETA

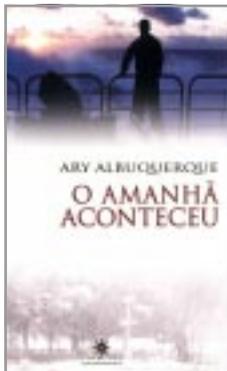
Data Programação

- 14 - Entrega da Praça da Rua Moacyr Martins – Jd. Novo Horizonte
- 15 - Conclusão da revitalização da área verde da Av. Euclides de Figueiredo – Vila Sônia
- Licitação da construção de calçadas/iluminação do Pq. da Rua Manoel Ferreira Pinto
- 16 - Início da 2.ª etapa do asfalto da Rua Cândido Portinari - Vila Industrial
- Lançamento do projeto "Criança Ecológica" - Horto Florestal de Tupi
- Conclusão do acesso/nova avenida Santa Rosa
- 17 - Licitação da iluminação na área verde da Rua Gobbo Nardelle – Vale do Sol
- Conclusão da construção da quadra da Escola Municipal Pq. 1.º de Maio
- 18 - Conclusão da cobertura da quadra Escola Municipal Taufic Dumit – Vila Sônia
- Conclusão da construção da Escola Fundamental da Zona Norte – Manacás
- 20 - Início da construção do Centro de Educação Digital Paulicéia
- Licitação (2.ª etapa) de calçada e iluminação da R. São Pedro - Pq. Piracicaba
- Conclusão da iluminação da área verde da Rua Lélio Ferrari – Jd. Itapuã
- Conclusão da cobertura da quadra da Escola Affonso Fioravante – Vila Monteiro
- 22 - Licitação da construção de campo de areia da Rua Goiânia – Água Branca
- Licitação da construção de Centro de Lazer R. Morro Agudo – Pq. Piracicaba
- Assinatura do contrato da construção do ginásio multiuso do Jaraguá
- 23 - Conclusão da instalação de iluminação na Pça. Imaculada Conceição – Vila Rezende
- Conclusão da construção da quadra da Escola Municipal do Jd. Oriente
- 26 - Conclusão da quadra E. M. "Prof. Fábio de Souza Maria" - São Fco./Colibris
- Conclusão da construção da Escola Infantil do Jardim Tóquio
- 27 - Início da construção do prolongamento da Rua Cajuru – Pq São Jorge
- Licitação da construção de Centro de Lazer da Rua Nelson Boldrini – Água Branca
- Conclusão da construção do Centro de Lazer da Rua Elizete Cardoso – Jd. Alvorada
- 28 - Conclusão da construção do Centro Regional de Assistência Social Jd. N. Horizonte
- Início da construção do Centro de Lazer do Jardim Paraíso
- Conclusão da ampliação da Escola Infantil do Pq. 1.º de Maio
- 29 - Conclusão da construção do Centro de Lazer da Rua Alecrim – Santa Ignês 2
- Conclusão da construção de quadra E. M. "Prof. Santo Granuzzio" - Chapadão
- 30 - Conclusão da revitalização do Centro de Lazer do Bosques do Sabiás
- Conclusão da cobertura da quadra da E. M. Ilda Jenny – Glebas Califórnia
- Conclusão da construção do Parque Linear de Lazer do Bosques do Lenheiro

Programação sujeita a alterações

www.piracicaba.sp.gov.br

Lançamentos & Livros

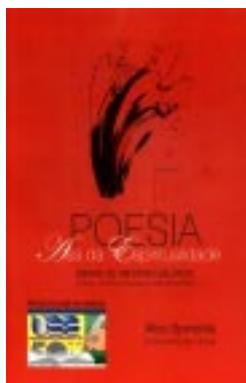
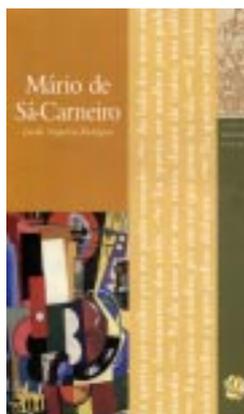


O Amanhã Aconteceu, de Ary Albuquerque, Topbooks, Rio de Janeiro, 372 páginas. O romance retrata um período histórico importante referente à entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial, após o ataque da marinha imperial japonesa à base norte-americana de Pearl Harbor. O protagonista Igor, jovem cearense, se engaja como voluntário do exército americano. O autor é administrador de empresa, contista, romancista, poeta, membro da Associação Cearense de Imprensa, colaborador de *O Povo*, ambientalista, membro fundador da Fundação Amigos do Theatro José de Alencar, cantor e compositor.

Topbooks: www.topbooks.com.br

Melhores Poemas - Mário de Sá-Carneiro, organizado e apresentado por Lucila Nogueira Rodrigues, Editora Global, São Paulo, 216 páginas. A coleção *Melhores Poemas* é dirigida por Edla van Steen. Lucila Nogueira Rodrigues é professora de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, escritora, tradutora e membro da Academia Pernambucana de Letras. A obra reúne a cronologia, a fortuna crítica e os melhores poemas de Mário de Sá-Carneiro e o texto "Mário de Sá-Carneiro: Maldito decadentista e dadaísta, de Lucila Nogueira Rodrigues.

Global Editora: www.globaleditora.com.br



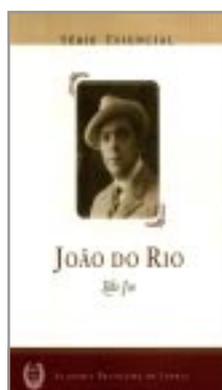
Poesia - Asa da Espiritualidade, de Alice Spíndola [impressões de leitura], Série Jornal Literário [Poesia Contemporânea], Projeto UBE-RJ Ensaio, volume 2, Editora Kelps, Goiânia, 164 páginas. A pesquisa & memória é da escritora e poeta Alice Spíndola. A obra abriga a vida e obra de Antônio Salvado, impressões de leitura de Alice Spíndola e testemunhos e colaborações de jornalistas, poetas e amigos do escritor, poeta e crítico literário Antônio Salvado.

Editora Kelps: www.kelps.com.br

Alice Spíndola: alice.spindola@hotmail.com

João do Rio, de Lêdo Ivo, Academia Brasileira de Letras, Série Essencial, Rio de Janeiro, 64 páginas. O autor é jornalista, escritor, advogado, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras. A Série Essencial oferece informações básicas sobre cada um dos ocupantes das 40 cadeiras da Academia Brasileira de Letras ao longo da história e dos seus patronos. Lêdo Ivo (cadeira nº 10) faz um excelente trabalho de preservação da memória do jornalista, cronista, contista e teatrólogo João do Rio (1881-1921 - cadeira nº 26).

Academia Brasileira de Letras: Tel.: (21) 3974-2500 - www.academia.org.br



Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Concursos

XXVI Concurso de Poesia Brasil dos Reis, promovido pela Ateneu Angrense de Letras e Artes, está com inscrições abertas até o dia 7 de janeiro de 2011. Os interessados poderão inscrever apenas um poema inédito, com até 30 linhas, em seis vias datilografadas ou digitadas. É necessária a indicação de um intérprete para a apresentação do trabalho ou, então, a escolha ficará a critério da Ateneu. Os temas para autores residentes em Angra dos Reis, Mangaratiba, Paraty, Itaguaí e Rio Claro são Soneto – Luar e Verso Livre – Flores; para outras localidades, os temas são Soneto – Perfume e Verso Livre – Olhar. É obrigatório o uso de pseudônimo. A identificação do autor (nome, endereço, e-mail, telefone e o nome e endereço do intérprete indicado), que deverá constar de envelope menor anexo ao grande. Para todos os efeitos legais, os participantes deverão apresentar declaração de ser o legítimo autor e de ineditismo do poema inscrito. Os três primeiros colocados em cada categoria receberão troféu, os trabalhos serão interpretados e terão direito à hospedagem (pernoite para 2 pessoas). Os poemas classificados do 4º ao 10º lugar receberão certificados de menção honrosa. Os 10 primeiros colocados em cada categoria serão publicados pela Ateneu e farão um passeio de veleiro pela Baía de Angra, no dia seguinte ao da premiação, com direito a acompanhante. Os trabalhos inscritos não serão devolvidos. A entrega dos prêmios e a interpretação dos melhores trabalhos está prevista para o dia 14 de maio de 2011, em local e horário a serem divulgados e definidos. Os trabalhos deverão ser enviados para Ateneu Angrense de Letras e Artes - XXVI Concurso de Poesia "Brasil dos Reis", Praça Guarda Marinha Greenhalg, 59 - Angra dos Reis - RJ - 23900-240.

Concurso Internacional de Literatura para 2011, promovido pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, está com inscrições abertas de 10 de janeiro a 15 de maio de 2011 para livros inéditos, exceto antologias. As categorias são Contos – PRÊMIO PEREGRINO JÚNIOR, Crônicas - PRÊMIO ALEJANDRO CABASSA, Ensaio – PRÊMIO ANTONIO HOUAISS, Literatura Infantil e Juvenil – PRÊMIO GANYMÉDES JOSÉ, Poesia – PRÊMIO JORGE DE LIMA, Romance - PRÊMIO OCTAVIO MELLO ALVARENGA e Teatro – PRÊMIO DIAS GOMES. É obrigatório o uso de pseudônimo. Os originais não serão devolvidos. O resultado do concurso será tornado público até 90 dias após o encerramento das inscrições. A entrega dos prêmios será em data e local previamente anunciados. As obras classificadas receberão menção especial e uma menção honrosa. Para livro inédito de contos será concedida, também, a MEDALHA HARRY LAUS para o primeiro colocado. O regulamento está disponível no site www.uberj.org.br. Informações com o Secretário da UBE Luiz Gondim: E-mail – luiggondim@gmail.com. Rua Sá Ferreira, 152/403 - Copacabana - 22071-100 - Rio de Janeiro, RJ.

**Ilustrações
Pinturas
Caricaturas**

Rua Ismael Neri, 410
Santana - São Paulo - SP
(11) 2204-0098
(11) 7958-6182
(14) 9161-0675
xavierlima@terra.com.br
www.xavi.com.br

XAVIER

Notícias

Divulgação



Sonia Sales

Sonia Sales foi agraciada com o *Prêmio Academia Carioca de Letras*, instituído pela Academia Carioca de Letras, pela publicação de *O Menino de Massangana*, biografia de Joaquim Nabuco. A solenidade de entrega da láurea acontece no dia 13 de dezembro, às 17h30, no Salão Nobre da Academia Carioca de Letras, Rua Teixeira de Freitas, 5, no Rio de Janeiro. academiacariocadeletras@gmail.com

O Memorial Darcy Ribeiro foi inaugurado no dia 6 de dezembro, na Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro. O espaço, projetado pelo arquiteto João Filgueiras Lima, que ocupará dois andares, disponibiliza uma biblioteca com um acervo de mais de 30 mil exemplares, documentos e correspondência do Darcy. Tel.: (61) 3107-3300.

O Plano Nacional de Cultura, que definirá as diretrizes da política cultural pelos próximos 10 anos, foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e publicado no *Diário Oficial da União* de 3 de dezembro. O Ministério da Cultura tem prazo de 180 dias para estabelecer metas e nomear conselheiros e coordenadores-executivos.

Juca Ferreira, ministro da Cultura, assinou no dia 2 de dezembro uma portaria que suspende o repasse de recursos para as prefeituras que não tiverem pelo menos uma biblioteca pública municipal em funcionamento.

Ary Albuquerque lançou o romance *O Amanhã Aconteceu*, pela Topbooks.

Andreia Donadon Leal lançou *Flora: amor e demência & outros contos*, livro de ficção, em comemoração aos cinco anos do *Projeto Poesia Viva bate a sua porta*.

Tânia Gabrielli-Pohlmann promove a cultura brasileira por meio do programa de rádio REVISTA VIVA (osradio 104,8 - www.osradio.de), que é retransmitido pela Radio Weser Bremerhaven, em Bremen, na Alemanha. rv@osnnet.de

Francisco Marins foi homenageado no dia 9 de dezembro, na Academia Paulista de Letras, pela AEILIJ regional SP, que é coordenada por Regina Sormani.

As Cores do Oriente Médio, espetáculo apresentado pelo Grupo LITANI baseado no romanceiro de Raquel Naveira - *Sob os Cedros do Senhor* -, foi apresentado no Teatro Rubens Gil de Camillo, em Mato Grosso.

Raquel Naveira lançou *Senhora*, poemas, pela Editora Temas Originais de Portugal. http://www.temasoriginais.pt/autores/raquel_naveira.htm

A Editora Record comunicou à Câmara Brasileira do Livro que não irá mais inscrever suas obras no *Prêmio Jabuti*, porque não concorda com os critérios de escolha do *Livro do Ano*.

Ana Maria Matute, membro da Real Academia Espanhola, foi agraciada com o *Prêmio Cervantes*.

Hida Gouveia de Oliveira lançará *A Outra Ponta do Fio* (Scortecci Editora) no dia 5 de janeiro de 2011, quarta-feira, às 19 horas, na Livraria Argumento, Rua Dias Ferreira, 417, Leblon, no rRo de Janeiro.

Moacyr Werneck de Castro, escritor, tradutor e jornalista, faleceu aos 95 anos, no dia 25 de novembro, no Rio de Janeiro. Autor de *Europa 1935*, *No tempo dos barões*, entre outras obras, foi militante comunista e trabalhou por 14 anos no jornal *Última Hora*.

Alice Ruiz lançou *Proesias*, pela Tipografia Acaia, Coleção Letra da Cidade, que é impressa em tipos móveis e com ilustrações em xilogravura do grupo Xiloceasa.

Dalcides Biscalquin, ex-padre salesiano, lançou *A vida é feita de escolhas*, pela Edições Loyola.

Vitor Tavares, presidente da Associação Nacional de Livrarias, homenageou José Xavier Cortez, por sua "editora amiga do livreiro", no jantar de confraternização da entidade.

Eduardo Bueno, jornalista e escritor, lançou *Brasil: uma história - cinco séculos de um país em construção*, pela Editora LeYa. A obra abrange desde o período pré-descobrimento até o governo do presidente Lula.

Minas; estado de espírito, livro que reúne fotografias de José Caldas e textos inéditos de Carlos de Brito e Mello, Christiane Tassis, Ana Maria Gonçalves, Murilo Carvalho e Luiz Ruffato. foi lançado pela Editora Olhares. www.editoraolhares.com.br

A Exposição Biblioteca Nacional 200 Anos: Uma Defesa do Infinito ficará em cartaz até o dia 25 de fevereiro, na Biblioteca Nacional, Rua México, s/nº, no Rio de Janeiro. Informações: (21) 3095-3879 - www.bn.br

O Blog da Revista Lusofonia - www.revistalusofofia.wordpress.com - foi atualizado com textos de João Alves das Neves, Beatriz Alcântara, Renato Nalini, Ives Gandra Martins, Dalila Telles Veras, entre outros. www.revistaludofonia.wordpress.com e www.joaalvesdasneves.blogspot.com

Tantos Anos, Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz, foi lançada em comemoração do centenário de nascimento de Rachel de Queiroz, pela Editora José Olympio.

Moacir C. Lopes, escritor cearense, faleceu no dia 21 de novembro, vítima de câncer. Autor de *A Ostra e o Vento*, livro adaptado para o cinema nacional por Walter Lima Jr., entre outros livros. Jorge Amado o batizou de *romancista dos mares*, alcunha que ele assumiu como identidade. www.moacirclopes.com.br

Revelando Autores em Braille, livro organizado por Dalila de Lara Brito e Dinorá Couto, foi lançado na versão em Braille, pela Biblioteca Braille Dorina Nowill.

Celso Donizete Apolinário, um dos sócios-proprietários da Distribuidora Loyola, faleceu no dia 22 de novembro, vítima de um aneurisma cerebral.

O Prêmio Vivaleitura 2010 agraciou na categoria Bibliotecas Públicas e Privadas, o projeto do Centro Educacional e Cultural Kaffehuset Friele, de Poços de Caldas (MG), gerido por Hilda Márcia Albino; Na categoria Escolas Públicas ou Privadas, o vencedor foi o projeto *Cafeteria Sabor Literário*, da cidade de Parnamirim, no Rio Grande do Norte; e a categoria Sociedade, que envolve instituições, universidades, ongs e até mesmo pessoas físicas, o primeiro lugar foi para a iniciativa *Ler para Crer*, de Fortaleza (CE).

A Medalha José Mindlin, criada em homenagem ao bibliófilo e membro da Academia Brasileira de Letras que faleceu em fevereiro, foi instituída pelo *Prêmio Vivaleitura* para agradecer o projeto que receber menção honrosa. Em 2010 a medalha foi entregue por Sérgio Mindlin para Alfredo Weisflog, presidente da Fundação Dorina Nowill para Cegos.

Poemas Reunidos do português Cesário Verde (1855-1886) foi lançada em edição escolar, anotada e comentada por Mario Higa, pela Ate-liê Editorial. A obra reúne 22 poemas, na maioria quadras ou quintilhas, com decassílabos ou alexandrinos heróicos, de rimas cruzadas.

Rachel de Queiroz, escritora, romancista, teatróloga, tradutora, memorialista, membro da Academia Brasileira de Letras, autora de *O Quinze*, entre outras obras, está sendo homenageada em decorrência do centenário do seu nascimento, ocorrido no dia 17 de novembro. Raquel, que faleceu em 4 de novembro de 2003, terá sua obra adulta reeditada pela José Olympio e, a infantil, pela Editora Saraiva.

Alberico Rodrigues está presenteando os seus leitores cadastrados com um exemplar de *A Saga de um Baiano na Cidade de São Paulo* ou com a obra *Zé Batalha*. www.albericorodrigues.com.br

Ao Livro Verde, a livraria mais antiga do Brasil, inaugurada, no dia 13 de junho de 1844 na Rua da Quitanda, nº 22, na cidade fluminense de Campos dos Goytacazes, pelo português José Vaz Correia Coimbra, abrirá loja virtual. Hoje a livraria é administrada por Ronaldo Sobral, atual proprietário.

A Fundação Biblioteca Nacional divulgou os vencedores da edição 2010 dos *Prêmios Literários*. Foram laureados: Adélia Prado (poesia), Joca Reiners Terron (romance), Carlos Henrique Schroeder (conto), Antonio Arnoni Prado (ensaio literário), Manuela Carneiro da Cunha (ensaio social), Rubens Figueiredo (tradução), Raul Loureiro e Claudia Warrak (projeto gráfico) e Jean-Claude R. Alphen (literatura infantil e juvenil).

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br